



# A cultura piracicabana: impressões de 1964 a 1985

Evaldo Vicente  
evaldo@tribunatp.com.br

Quando os militares entenderam - que eles entenderam! - ser o momento de assumir o poder no Brasil, em 31 de março de 1964, evitando que fosse o primeiro de abril, Dia da Mentira, eu circulava por uma pequena praça, próxima ao Grupo Escolar Quinzinho do Amaral, em Laranjal Paulista, ainda trajeto da Rodovia Marechal Rondon. Eram os homens dos quartéis que, em comboio, saíram de Itu, a uns 70 quilômetros dali, rumo a Bauru, de onde iriam até a divisa da Bolívia, seguindo a rota pantaneira daquele ainda Estado grande, que era o Mato Grosso, sem divisão. Era o cuidado com as fronteiras.

Meus dez anos de idade, poucos meses de vida urbana, ainda na pequena cidade de Laranjal Paulista, traziam a impressão das boas coisas do Brasil rural, já transformado teoricamente por Juscelino Kubitschek de Oliveira, o JK, com a instalação das indústrias automotivas e a construção e instalação de Brasília, a nova Capital Federal. Era um mundo diferente por ser de criança, mas também um mundo diferente porque as transformações estavam por vir. Já bem ouvia, de tios que trabalhavam na área de transportes, falar de propina, corrupção no termo mais aperfeiçoado e co-

E é da esquina das ruas do Rosário e São José, a partir de agosto de 1965, nos meus onze anos idade, numa casa de pensão e em família de cristãos protestantes, presbiterianos, vi, li, ouvi e assisti ao que foi a cultura piracicabana ter sentido diante do que chamaram de Revolução de 64, ou Golpe Militar de 31 de Março de 64.

Recorro-me ao escritor Cecílio Elias Netto, para alguns detalhes na extinta Folha de Piracicaba, que, juntando-se ao Diário de Piracicaba, criaria - numa sociedade de gigantes, como Lázaro Pinto Sampaio (representando o Grupo Dedini), deputado estadual Domingos José Aldrovandi (dos canavieiros), Sebastião Ferraz (técnico em artes gráficas e jornalista que veio em 1951 para cá) e o então jovem e já experiente jornalista Cecílio Elias Netto - criaria, então, O Diário, com edição regional.

Diz Cecílio: "Com o golpe militar de 1964, houve aturdimento e cautela. No entanto, a resistência - de ordem cultural, sim - surgiu com força e vitalidade. Grupos estudantis encenaram peças clandestinas ou metafóricas; a imprensa, pela Folha de Piracicaba, reuniu jovens intelectuais, abrigando uma nova geração de poetas, pintores, músicos, musicistas que, enfim, amadureceram em 'O Diário'. Houve uma paixão cultural subterrânea, muitas vezes clandestina, inteligente, como se Pi-

O teatro amador era, em fins dos anos 60 e começo dos anos 70, uma coisa da moda que o Calq soube absorver aproveitar, com apresentações de peças contestadoras e também para que os protestos fossem ouvidos e sentidos, contra as pressões de 1968, quando foi assinado o mais repressor de todos os Atos Institucionais, o AI-5, pelo então presidente Arthur da Costa e Silva. Em seguida, vem a Junta Militar com o AI-12, e as passeatas dos cem mil em São Paulo refletem no Interior e a repressão aumenta. Era a imposição do medo, se possível.

Nem por isso, o movimento cultural em Piracicaba foi abafado. Pelo contrário, foi na luta, na resistência, no enfrentamento, no grito pela liberdade que vieram manifestações fortes e seguras com apoio da Unimep e do então jovem prefeito João Herrmann Neto, além de sindicatos, de estudantes do ensino médio e universitários da Esalq. Surge, em 1974, o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, criado pelo então prefeito Adilson Maluf, que o fez no incentivo do seu responsável pelo setor cultural, o professor Alceu Marozzi Righetto, tendo ao seu lado fiéis escudeiros, como Adolpho Queiroz e Carlos Colongnese. Righetto foi, sim, reacionário em tudo, com e a todos. O Salão de Arte Moderna, com Ermelindo Nardim, foi outro ponto marcante na época.

sor João Carlos Teixeira Gonçalves, o Carlinhos, hoje professor de marketing na Unimep, chegou a criar o Prêmio Sérgio Cardoso em Piracicaba, para incentivar o teatro amador, este baluarte que continua a conquistar platéias e a desenvolver mentes, idéias de um mundo crítico e melhor. Carlinhos continua, em suas crônicas semanais em A Tribuna, no seu "Café com Memória", a relatar detalhes desse tempo.

Em 1978, os movimentos sindicais tomaram sentido na luta pela liberdade, pelas artes, pela manifestação do pensamento. Fizemos, A Tribuna e o Sindicato dos Bancários, quando presidente o saudoso Deocleciano Villar, encontro sobre "Sindicalismo e Parlamentarismo" e reunimos, no Cine Broadway, na rua São José, Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas, que trazia a marca da luta de Vladimir Erzog, e o sindicalista Luiz Ignacio da Silva, que ainda ao tinha o Lula no nome, animado com as conquistas no Grande ABC, para pedir mudanças do sistema de governo, do presidencialismo para o parlamentarismo.

Mas em todo esse movimento, entre artes e política, há uma figura que merece o centro das atenções hoje, no momento em que registro alguns pontos da cultura piracicabana depois de 64. É João Chiarini - teve como discípulo Hugo Pedro Carradore, nunca como o mestre - que, invocando as figuras do

caba de Letras à sua maneira, com cadeiras sem limites de números, transformada agora à moda francesa, com 40, da qual ele é o patrono da cadeira número um, numa homenagem ao que tanto fez. E da sua Academia, criada em 1972, criaram-se outras duas, que ele foi instalar e eu tive a alegria de estar com ele: a Academia Botucatuense de Letras e a Academia de Artes e Letras do Centro-Oeste do Brasil, em Barra do Garças, no Mato Grosso. Citei, assim, alguns casos em que registra a preservação de Chiarini.

Bom mesmo foi o que incentivou, e não posso desfilhar nomes porque cometeria injustiça com a sua memória esquecendo-me de alguns. Mas é preciso - por ser hoje o mais brilhante escritor de Piracicaba - afirmar que Cecílio Elias Netto teve, como um pai, em João Chiarini, suas mãos a conduzi-lo à imprensa e à literatura. E lá vão 60 anos.

Numa das edições da Semana Cultural Paulo Setúbal em Tatuí, Chiarini incluiu palestra do já aplaudido Thales Castanho de Andrade sobre o autor de "Confiteor", a obra prima do escritor tatuiano, e convidou Cecílio - jovem estudante do Dom Bosco e já escrevendo e revisando no Jornal de Piracicaba - para que fosse também e que preparasse uma palestra. Lá foi o texto do hoje autor

dido de perdão" do Estado brasileiro pelo fato de ser coagido em manifestação do pensamento.

O problema da censura durante a Revolução de 64 em Piracicaba foi muito mais operacional do que de ideais e princípios. Não havia militares competentes para "censurar" e isso foi transferido de forma natural, sem grandes proporções, a investigadores e delegados da Polícia Civil local, a maior parte intelectualmente fracos para contestar um grupo dedicado ao Direito em O Diário e um grupo de intelectuais experientes liderados pelo médico Fortunato Losso Netto, de pena brilhante. Juntavam-se a Losso nomes como Leandro Guerrini, Laudelina Cotrim de Castro, Nair Barbosa, Samuel Pfrom Neto, os brilhantes irmãos Lino e Guilherme Vitti, o cientista Salvador de Toledo Pizza Júnior, citando alguns.

Lamentável que esse tempo de ditadura resultou em criação de consequências tristes, amargas talvez, porque lideranças sumiram enquanto os jovens amadureceram, sem a necessária transição de gerações. A educação imposta pelo militarismo criou uma maioria despreparada e não houve, ainda, uma reconstrução, que a cultura de consumo levou, não sei para onde, os espaços para o humanismo. A cultura virou de massa, sem identidade, disponível a seduções ideológicas, mas é



nhecido de hoje. Com uma carga só de ferro, registravam várias vezes a mesma entregue em Brasília, a partir da sua construção.

Não entendia quem ganhava, mas tinha a certeza de que eram eles, motoristas profissionais simples, da roça, ludibriados por alguém na Capital Federal. Hoje, não me assusto ouvir tantos detalhes dessa doença social, corrupção, porque não houve vacina, nem haverá que possa estancar tanta forma ilegal e legal de produzi-la. Não é engano, não: ilegal e legal, formas de se produzir corrupção.

Nos turbulentos anos de 1964 e 1965, o êxodo rural cresceu e, com passagem rápida pela cidade pequena, acabamos, em família, nos acarando em Piracicaba, como um mar de promessas, de sonhos, de esperanças para uma vida melhor. E foi próximo daqui, na rua Rosário, esquina com a sua São José, é que meus pais se estabeleceram com pensão, oferecendo pouso e refeições para estudantes, trazidos pelas famílias, e minha mãe - Aparecida Therezinha Gardenal Vicente -, os recebia como filhos, sob o olhar sereno do meu pai, Américo Augusto Vicente, telúrico, apaixonado pelo cafezal e derrotado pelo sistema bancário. Eram filhos de gente do Interior do Brasil, e também da Capital, que vinham estudar na nossa gloriosa Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. A maior parte entendia a linguagem dos meus pais, porque também vinham da roça para estudar.

racicaba, novamente, demonstrasse seu destino missionário de ser pioneira, livre, democrática e consciente".

Em 1967, o XV de Piracicaba foi o "Campeão do Acesso" e O Diário fazia barulho em favor do Nhô Quim, com edições especiais, e as emissoras de rádio aumentavam esse barulho. Parecia que Piracicaba nem sequer tinha passado pela Revolução de 64, exatamente pela cautela a que se refere Cecílio, e era praxe de uma cidade de pouco mais de cem mil habitantes. Mas o aturimento, essa referência, sim, estava em pessoas como João Chiarini, Alceu Marozzi Righetto, José Maria Teixeira, Fortunato Losso Netto no Jornal de Piracicaba - defendia o ex-presidente Jânio Quadros, pressionado para a renúncia, e criticava seu substituto João Goulart, o Jango -, Sílvio Ferraz de Arruda, Euclides Buzetto, Maria Benedita Penezzi, Gustavo Jacques Dias Alvim, Paulo Chécóli, Benedito de Andrade, Joaquim Do Marco, Luiz Mattiazzo, Antonio Messias Galdino, Luiz Antonio Rolim, João Maffei Netto, Geraldo Nunes, Roberto Antonio Cêra, Romeu Ítalo Ripoli, Francisco Salgot Castillon - isso para citar alguns nomes que me vêm à lembrança -, e do próprio Cecílio Elias Netto e seu primo, o então jovem estudante da Esalq João Herrmann Neto, que foi presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq), na rua Voluntários de Piracicaba.

Em 1969, era criado o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), reunindo a maioria dos conservadores como os professores Elias Sallum e Nélcio Ferraz de Arruda, vice que substituiu o prefeito Luciano Guidotti, que morreu em 07 de julho de 1968.

No início dos anos 70, O Diário teve os jovens jornalistas da extinta Folha de Piracicaba já amadurecidos, normalmente formados em Direito, já que os cursos de Jornalismo só vieram bem depois, e a Unimep foi uma das pioneiras com o professor Neidson Rodrigues, fazendo-se, entre Unimep e Prefeitura de Piracicaba, um "pacote" de socialistas, que se declaravam de "esquerda", com destaque a Elias Boaventura, Renato Maluf, Barjas Negri e Gabriel Ferrato, Enildo Pessoa, e Paulo Markum no "Jornal do Povo Piracicabano", de vida efêmera.

Mas dois partidos faziam parte de tudo, porque eram divididos em três legendas na Arena e no MDB. Eram seis alas políticas, espaço para muitos. Na Arena, havia mais esquerda em certos momentos, com os artigos e editoriais de Cecílio Elias Netto em O Diário, contra a Revolução, contra a tentativa de impedir a liberdade de expressão, publicação de espaços em branco para contestar. E, no MDB, mais políticos de direita, como Adilson Maluf, que assumiu a Prefeitura aos 28 anos, mas matinha, em seu gabinete, o retrato do então governador Laudo Natel (1971-1974), como forma "política" de não ficar longe das ações administrativas do Estado e da União. Fez Política no bom sentido, mas teve as críticas dos que almejavam outra forma, a dos protestos contra o crescimento de Piracicaba e o aumento da exploração imobiliária, que resultaram em brigas na imprensa local. O Brasil vivia as emoções e o clima do "Milagre Brasileiro", do professor Delfim Neto.

Uma anotação importante para a minha geração, daí já em O Diário, a partir de 1969. Nos 70 e 80, os profes-

passado, como Thales Castanho de Andrade, Fabiano Losano, Francisco Lagreca, Alfredo Cardoso, Mário Neme, só para citar alguns, fez que os protestos fossem para as mentes e ações da juventude de 60, 70 e 80. Faleceu em 1988, em plena campanha eleitoral para vereador, pelo PSB, mas já tinha sido vereador cassado na década de 50 pelo Partido Comunista Brasileiro, o "partidão".

Era professor primário, estudioso do folclore local, à luz do folclore paulista com Alceu Maynard de Araújo, que escreveu uma enciclopédia sobre o tema, e do brasileiro Luiz da Câmara Casudo, cujas obras de caráter nacional são incontestáveis. Publicou "Cururu" e, como poeta, escreveu sua obra primeira, Argamassa, conjunto de poesias sociais. Chiarini, sobremaneira, inventou e preservou.

Preservou os que foram seus professores, em especial ao que chamou de "maior criança grande do Brasil", Thales Castanho de Andrade, autor de "Saudade", "Filha da Floresta", "Rei Sapo", e tantas outras histórias infantis. Orgulhava-se, Chiarini, em assegurar que, em 1918, bem antes de Monteiro Lobato para as crianças, tivemos Thales, o que criou o termo "caipiriacabano". Professor primário, Thales chegou ao mais alto cargo de carreira da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, de cuja pasta também foi titular por vários anos. Em 1974, ao escrever artigo saudando o lançamento de A Tribuna, Thales intitulou: "Caipiriacabanamente..."

Além de formar uma biblioteca invejável no sentido histórico e de raridades - tão bem abrigada pela Unimep -, Chiarini criou o Centro de Folclore de Piracicaba, a Academia Piraci-

de "Piracicaba que amamos tanto", do "Piracicaba, um rio que passou em nossa vida", e tantos outros títulos, sobre Paulo Setúbal, analisando as reticências na obra do brilhante poeta. Na vez de Thales, o autor de "Saudade" limitou-se a dizer que nada mais tinha a dizer. Haveria incentivo maior?

A preocupação de João Chiarini era com estudos, mas muito mais com leitura. Nem que fosse para ler lista telefônica, dizia ele, ninguém poderia ficar sem leitura. Essa era sua tese central e se orgulhava em ter participado da instalação da União Brasileira de Escritores, de ter participado do primeiro Congresso da área em 1951, e ter Zélia Gattai e Jorge Amado como padrinhos de casamento.

De minha parte, poucas citações bastam: foi meu companheiro, ao lado de Geraldo Nunes, no lançamento de A Tribuna Piracicabana, que completa 42 anos segunda-feira, 1º de agosto. E me dava ordens para ir a São Paulo, representar a Academia de Letras nas sessões da Academia Paulista, participar da União Brasileira de Escritores, e exigiu, certo dia, que fosse entrevistar o já nonagenário Eráclito Fontoura de Sobral Pinto. Haveria incentivo maior?

Quanto à imprensa e a Revolução de 64, em Piracicaba pelo menos, tenho a impressão que tinha menos exigências legais do que hoje com a Lei Eleitoral e as "liminares", que se tornaram populares, no dia-a-dia da Justiça. Várias vezes, a direção de O Diário foi chamada ao antigo G-Can, em Campinas, para prestar depoimentos, sem muitos detalhes que prejudicassem a exposição de idéias e Cecílio teve "pe-

certo, por outro lado, que Piracicaba teve, na visão de Alceu Marozzi Righetto, um setor cultural oficial que chamasse à atenção às ações culturais diversas, como diz o próprio nome da pasta: Ação Cultural de Piracicaba. Dá idéia de menos oficial e mais participativa. E, por isso, bom que seja mais participativa e menos oficial.

O Sesc - Serviço Social do Comércio --, ao fazer estas promoções, chama à resistência, mesmo que seja de poucos, de uma minoria consciente, cultivando as artes, formando grupos teatrais, orquestras, nichos culturais que alcancem, um dia, a massa da população. O caipiriacabanismo é, sem contestação, a sirene que toca em nós, todos os dias, para que a cultura de e em Piracicaba continue no caminho da imortalidade, mesmo que as transformações do mundo sejam belas à luz da globalização, incapazes, porém, de globalizar as raízes das pessoas que têm chão, têm rios, têm ninhos, tem espaço para cismar em noites de sonhos. E que nossos sonhos sejam por aqui, no lugar onde o peixe para: Piracicaba.

Se pudesse voltar à pequena praça em Laranjal Paulista, nos meus juvenis dez anos, com a experiência de 52 anos depois, emprestaria um pensamento do século XIX. Então, eu pararia o comboio que passou na Rodovia Marechal Rondon, ainda traçada pelo centro da pequena cidade, e deixaria, em seus capacetes, a afirmativa do grande Coelho Neto: "A educação pelo medo de flora a alma".

João Chiarini, tenham certeza, não nos permitiu que tivéssemos medo.

**Palestra no Sesc, sexta-feira, 29.07.2016.**

Edição: 8 páginas

Edital de Protesto ..... A7  
Entrevista ..... A3  
Turismo ..... A4, A5 e A6